

## Queimando livros de youtubers! Guerrilhas discursivas em torno da leitura

FRANCISCO VIEIRA DA SILVA\*

**Resumo:** Na tentativa de rastrear o *modus operandi* dos discursos sobre os livros produzidos por youtubers, analisamos neste artigo os dizeres que circulam em dois vídeos postados em canais do *Youtube*, os quais analisam a produção “livresca” dos youtubers através de posicionamentos discursivos contrastantes. A partir desses vídeos, intencionamos investigar a construção de verdades acerca da leitura dos livros dos youtubers e dos sujeitos que os leem. Amparamo-nos nas discussões desenvolvidas por Foucault (2010) acerca do discurso e do enunciado, bem como nas reflexões oriundas de Chartier (1998) a respeito da leitura numa perspectiva histórico-cultural. As análises denotam que as posições que enunciam em ambos os vídeos produzem “guerrilhas” em torno da leitura, pois a concebem a partir de posições que ora advogam em favor da necessidade de proibir a leitura dos livros de youtubers, ora destacam que essa proibição mascara um preconceito em torno da leitura, na medida em que estabelecem hierarquias entre autores, livros e leitores.

**Palavras-chave:** Discurso; *Youtube*; Leitor.

**Abstract:** In an attempt to trace the *modus operandi* of the speeches on the books produced by youtubers, we analyze in this article the words circulating in two videos posted on YouTube channels that analyze the production "bookish" of youtubers through contrasting discursive positions. From these videos, we intend to investigate the construction of truths about reading the books of youtubers and subjects the read. We admitted them in the discussions developed by Foucault (2010) about the speech and utterance, and the reflections coming from Chartier (1998) about reading a historical and cultural perspective. The analyzes denote the positions set out in both videos produce "guerrillas" around reading because conceived from positions who pray advocate for the need to ban the reading of books youtubers, now point out that this prohibition mask a bias around the reading, in that establish hierarchies of authors, books and readers.

**Key words:** Discourse; YouTube; Reader.



\* FRANCISCO VIEIRA DA SILVA é Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Fartura de leitura, barafunda do espírito!  
(Sêneca)



Fonte: <http://todateen.com.br/leretdb/livros-youtubers/>

O YouTube foi lançado em junho de 2005, com o intuito de ser um dos principais sites de compartilhamento de vídeos da *web*. Conforme atestam Burgues e Green (2009), esse *site* disponibiliza uma interface bastante simples e integrada, através da qual o usuário pode fazer o *upload*, publicar e assistir vídeos em *streaming* sem necessidade de grande conhecimento técnico e dentro das restrições tecnológicas dos programas de navegação padrão. Em função dessa facilidade em relação ao acesso e manejo dessa plataforma, o YouTube tem atualmente mais de um bilhão de usuários, quase um terço dos usuários da internet, com versão local para mais de oitenta e oito países e setenta e cinco

idiomas diferentes<sup>1</sup>. Ao se constituir como um importante espaço de produção e veiculação de uma série de conteúdos, os usuários utilizam o referido serviço com diversos propósitos: estudar, ver filmes e séries, escutar música, comunicar-se, acompanhar vídeos diários postados por outros usuários, dentre outros objetivos.

Como corolário desse processo, vimos surgir uma quantidade exponencial de sujeitos que, em diferentes áreas, tornam-se famosos por meio do sucesso proveniente de vídeos postados nesse *site* de compartilhamento. Devido ao

<sup>1</sup> Informação disponível em: <<https://www.youtube.com/yt/press/pt-BR/statistics.html>>. Acesso em: 13. out. 2016.

humor, à moda, à religião, à sexualidade, ao conhecimento técnico-científico, dentre tantos outros saberes, alguns sujeitos saem do anonimato e adquirem um lugar de destaque na mídia, ainda que seja de maneira efêmera, em razão das possibilidades de visibilidade que o *YouTube* proporciona. Alguns desses sujeitos, comumente denominados de *youtubers*, postam vídeos frequentemente para uma multidão de seguidores que os acompanham, tornando-se famosos, de modo a aventurar-se em outras vitrines da mídia.

Nesse sentido, podemos citar a fama obtida por meio da literatura. Um fato ocorrido em 2016 e toda a repercussão dele decorrente podem ilustrar nossas constatações. Na edição da Bienal do Livro de 2016, realizada em São Paulo, o destaque conferido aos livros escritos por *youtubers* foi uma marca do evento. De acordo com uma notícia publicada na Folha de S. Paulo, os *youtubers* são o principal fenômeno da cultura *pop* brasileira. Ainda que os livros publicados por eles não tenham ultrapassado as expressivas vendas dos livros para colorir, em 2015, no ano atual, a vendagem dos livros de *youtubers* cresceu cerca de 133%, ainda de acordo com a notícia publicada na Folha de S. Paulo<sup>2</sup>. Como reflexo desse quadro, entre os vinte livros mais vendidos no ano de 2016, segundo o Publishnews, seis são de *youtubers*. Em entrevista ao *blog* Página Cinco<sup>3</sup>, a

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/08/1806878-destaque-da-bienal-do-livro-sucesso-dos-youtubers-e-menor-que-vendas.shtml#article-aside>>. Acesso em: 13. out. 2016.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2016/08/26/bienal-do-livro-de-sp-comeca-hoje-e-consolida-youtubers-como-a-moda-da-vez/>>. Acesso em: 13. out. 2016.

presidente do Grupo Record, Sônia Machado afirmou que “o mercado editorial está sempre em busca de novas tendências. Foi assim com os vampiros, os livros eróticos, os livros de games, os livros de colorir. Agora é a vez dos *youtubers*, que são a onda do momento, basta olhar a lista dos mais vendidos”.

No discurso da notícia publicada na Folha de S. Paulo e da entrevista com a presidente do Grupo Record, tem-se uma visão dos livros escritos por *youtubers* perpassada por um certo modismo (“onda do momento”), caracterizando-os como algo frívolo, com pouca qualidade estética, conforme atestam determinadas vozes que enunciam em favor da separação entre a legítima literatura e a literatura do consumo. Desse modo, há um levante de vozes que se posicionam de maneira contrária ao caráter massivo dos livros de *youtubers*, caracterizando-os como descartáveis e fúteis. Para citarmos um exemplo do discurso do senso comum, centremos o foco sobre alguns comentários de leitores das notícias publicadas em diversos sites da *web* acerca da produção livresca dos *youtubers*. Uma rápida olhada sobre tais comentários mostra enunciados do tipo: “Jesus, que mundo imbecil nós vivemos hj em dia. Nunca imaginei que tivesse espaço pra essas criaturas ridículas”, “Depois vem a pergunta, o porque o brasileiro lê tão pouco. Uma das explicações é que além do mercado atual não ter nenhuma novidade em boa leitura, ainda tem os lixos dos *youtubers*...”.

Na contramão de tais discursos, coabitam dizeres que reconhecem a existência de uma heterogeneidade no que se refere à produção literária que

consolida-youtubers-como-a-moda-da-vez/>. Acesso em: 13. out. 2016.

recobre desde o cânone culturalmente estabelecido até as obras produzidas em escala comercial. Com vistas a radiografar o funcionamento desses discursos, esse texto se propõe a analisar os dizeres provenientes de lugares distintos da *web*, no intuito de flagrar o que denominamos aqui de uma guerrilha discursiva em torno da leitura.

Os dizeres em foco circulam em dois vídeos postados em canais do *Youtube*, os quais analisam a produção “livresca” dos *youtubers* através de posicionamentos discursivos contrastantes. A partir desses vídeos, intencionamos investigar a construção de verdades acerca da leitura dos livros dos *youtubers* e dos sujeitos que os leem. Os vídeos selecionados são os seguintes: a) o vídeo postado por Bob Nunes e intitulado “Queimando o livro da Kéfera”; b) o vídeo publicado no canal Ficçomos e denominado de “Queimando livros de *youtubers*! Preconceito literário”.

Começamos a análise pelo primeiro vídeo. Com duração de sete minutos e cinco segundos, o vídeo retrata o momento em que Bob Nunes decide queimar o livro de Kéfera, famosa *youtuber* que além de escrever livros, também protagonizou um filme<sup>4</sup>. O vlogueiro, no início do vídeo, alega que ganhou o livro de Kéfera de uma ex-fã da escritora que se decepcionara com a qualidade da obra. Decidido a saber “o

que tinha dentro do livro”, Bob começa a danificá-lo. Ao som instrumental estridente e, em certa medida, dançante, que, no âmbito de uma intersonoridade (cf. MARQUES, 2016), leva-nos a uma atmosfera de descontração, Bob confere um tom *clean* ao seu ato de punição. O sujeito que enuncia se coloca na postura de trazer a “salvação” dos jovens que, segundo ele, estão retardados devido à leitura dos livros de *youtubers*. Num dado momento, ele dispara: “É isso que o Brasil queria ver”. O *youtuber* insinua que outros o apoiarão na sua cruzada anti-Kéfera e contra os demais livros produzidos por *youtubers*.

Utilizando palavras, Bob corta o livro ao meio, no intuito de, ao destruir um exemplar do livro, tentar descaracterizar a aparição de Kéfera como uma escritora. Após tentativas infrutíferas de destruir o livro, por meio de chutes e de tentar rasgar todas as páginas, afirma: “A solução é uma só: queimar o livro”. Quando taca álcool no livro, o qual já se encontra extremamente danificado, Bob produz enunciados do tipo: “Estão fazendo merda de livros”, “Sou o mestre das labaredas”, “Vocês acabam com a juventude do Brasil”, “Tô me fudendo pra você que vai comentar no vídeo”,<sup>5</sup> “Seu retardado que idolatra essa porra”.

Circulam no vídeo dizeres que constroem representações dos efeitos maléficos de determinados tipos de

<sup>4</sup> Kéfera Buchmann, mais conhecida como Kéfera, é uma vlogueira e atriz curitibana que ficou conhecida por meio de seu canal 5inco minutos, um dos primeiros do Brasil a atingir um milhão de inscritos. De acordo com uma matéria da revista *TodaTeen*, todas as redes sociais de Kéfera somam mais de doze milhões de seguidores. Disponível em: <<http://todateen.com.br/fun-fotos/23-que-voce-nao-sabia-kefera-buchmann/>>. Acesso em: 16. out. 2016.

<sup>5</sup> Até meados de outubro de 2016, o vídeo em questão possuía mais de um milhão de visualizações e mais de oitenta e cinco mil comentários. Nas opções “gostei” ou “não gostei” do YouTube, o número de cliques para a segunda opção ultrapassa pouco mais de mil curtidas em relação a primeira curtida, o que mostra um relativo equilíbrio em relação preferências do vídeo entre os usuários do YouTube, se considerarmos o número exponencial de visualizações.

leitura, no caso aquela advinda dos livros de *youtubers* (“você acabam com a juventude do Brasil”), em que se supõe um leitor passivo, extremamente influenciável pelo que lê. Numa rede de memória, esses dizeres apontam para a recorrência de práticas e discursos os quais irão mostrar as consequências danosas de certas leituras para o sujeito leitor. Ao estudar a escrita de si, através de Sêneca, Foucault (1992) defende que, nos escritos daquele autor, é possível detectar uma certa temperança na relação com a leitura, no que se refere à necessidade de dosagem entre a leitura e a escrita, pois o excesso de leitura causaria desatenção. Era preciso tomar nota do que se lia, pois caso contrário “dispersamo-nos por diferentes pensamentos e esquecermos a nós próprios” (FOUCAULT, 1992, p.4). Se na visão de Sêneca, a relação com a leitura parecia mais democrática, indicando não subsistir uma estratificação acerca do que deveria ser lido, mesmo porque essa divisão não existia para os antigos, mas sim da quantidade do que se lia, no vídeo de Bob Nunes os possíveis malefícios causados pela leitura articulam-se necessariamente à leitura dos livros produzidos pelos *youtubers*. Atravessando os discursos da posição enunciativa do *vlogueiro*, vislumbra-se a ideia bastante difundida de que “a leitura é para a mente o que a música é para o espírito” (FISCHER, 2006, p.7). Desse ponto de vista, os livros dos *youtubers* não estavam atrelados ao símbolo de poder e de saber intelectual de que o objeto livro se imbuíu ao longo do tempo (POULAIN, 1997).

Amparando-se em tal visão, Bob metonimicamente destrói um exemplar do livro de Kéfera, com vistas a atingir toda a produção livresca da escritora. Assim, os restos que sobram da queima

empreendida por Bob são jogados numa lixeira, “lugar de onde nunca deveria ter saído”, segundo o *vlogueiro*. No término do vídeo, Bob se vangloria por ter queimado o livro em cinco minutos, numa explícita alusão ao canal de Kéfera no *YouTube*. No decurso do vídeo, é possível entrever a circulação de uma série de verdades e de discursos cristalizados sobre a leitura, notadamente as ações de preconceito em relação à leitura de livros que estão intimamente relacionados com o mercado e com o consumo de massa. Na construção desses discursos, prevalece uma crítica histórica a respeito dos meios massivos de comunicação, como o rádio e a TV e, por extensão, a *web*, embora esta se caracterize por um modo de produção bem distinto das mídias tradicionais (cf. MARTINO, 2015).

O segundo vídeo analisado neste trabalho foi veiculado no canal Ficçomos<sup>6</sup>, um canal especializado em discutir literatura, mercado editorial, dicas de leitura, dentre outros temas. Noutras opções de vídeo disponíveis no canal, temos títulos “O que é a morte do autor (Roland Barthes)”, “Como escrever o prólogo em um livro”, “Como escrever”. Quem apresenta os vídeos é uma jovem chamada Wlange, uma *booktuber* famosa na *web* brasileira. Entende-se por *booktuber* sujeitos que postam vídeos falando sobre leitura, escrita e, especialmente,

<sup>6</sup> Comparando-se com o vídeo analisado por Bob Nunes, o vídeo do canal Ficçomos apresenta um número de visualizações bem mais modesto: pouco mais de duas mil. Como consequência, o número de comentários não chega a cento e cinquenta. Isso pode ser explicado pelo fato de o canal falar para um público específico e não ter, pelo menos aparentemente, a pretensão de agregar seguidores *ad infinitum*.

fala-se sobre livros lidos, de maneira a incentivar a prática da leitura entre os que acompanham o canal, formando, assim, comunidades de leitores, conforme entende Chartier (1998). Nesse sentido, o vídeo postado por Wlange encontra eco noutros vídeos postados pela *booktuber* sobre problemáticas concernentes à leitura e, desse modo, imbuídos de um saber acadêmico-científico sobre a leitura. Isso se reflete no ambiente em que ela produz o vídeo e na forma serena como ela fala, de maneira a uniformizar uma certa representação acerca da leitura (ABREU, 2001). Nesse aspecto, concordamos com Curcino (2016, p.234), quando diz que “[...] a leitura, a leitura de certos livros, a posse de certos livros, a pose com livros, tudo isso desempenhava e desempenha até hoje importante símbolo de distinção”. Assim, o título do vídeo já sinaliza para a questão central a ser debatida: o preconceito literário.

Para introduzir a sua argumentação, Wlange retoma os exemplos de livros de *youtubers* que foram danificados por outros *youtubers*. A posição que enuncia no vídeo investiga os fatores que amparam a emergência desse fenômeno na *web*. Para ela, um primeiro objetivo que justifica a destruição dos livros, segundo Wlange, é “você insultar pessoas que possuem muitos seguidores pra você uma visibilidade em cima disso”. Noutras palavras, a *booktuber* acredita que o caráter reiterado de vídeos que destroem os livros caracteriza-se como uma disputa em busca de visibilidade no âmbito do espaço virtual. Isso pode ser explicado pelo fato de os vídeos serem produzidos por outros *youtubers*, ou seja, por sujeitos que possuem um significativo número de inscritos no canal, haja vista a quantidade gigantesca de

visualizações e de comentários no vídeo de Bob Nunes.

Outro fator que rege a irrupção da queima dos livros, de acordo com a posição de Wlange refere-se à questão do preconceito literário. Para a *booktuber*, essa questão é bem mais vasta, pois se reporta a um comportamento disseminado entre a população brasileira de “hierarquizar a literatura, ou seja, criar uma escadinha, uma pirâmide na literatura, como se um tipo de livro fizesse mais parte da literatura que outro, como se um tipo de livro não fizesse parte da literatura”. Todo o discurso de Wlange é marcado por viés informativo, através do qual a *booktuber* tece dizeres que visam convencer o público que a acompanha acerca da existência do preconceito literário e do modo como tal preconceito ancora as atitudes de ojeriza aos livros produzidos por *youtubers*.

Tem-se, portanto, uma posição de sujeito (FOUCAULT, 2010) que informa, esclarece, orienta e argumenta em favor da necessidade de se levar em consideração a heterogeneidade das práticas de leitura. Para tanto, a *booktuber* traça um marco histórico acerca da aparição de práticas que hierarquizam o campo da arte e da literatura, com vistas a mostrar a emergência dos discursos desabonadores em torno dos livros dos *youtubers* como pertencentes a uma rede enunciativa bem mais complexa. Ao centrar o foco sobre a análise dos livros de *youtubers*, Wlange defende que tais obras, escritas predominantemente por jovens, apresentam uma “linguagem informal”. Esses livros, segundo Wlange, “vendem pra caramba, desbancado autores mais sérios”, de maneira que a crítica e/ou rejeição pura e simples de tais livros

fazem com que se desconsiderem outros aspectos que envolvem a diversidade de práticas de leitura, as quais nem sempre estão situadas no âmbito de um cânone ou de uma tradição literária. De acordo com o que defende Abreu (2001), a delimitação tácita de um dado conjunto de textos e de certas maneiras como sendo válidas e autorizadas leva ao apagamento e a negação de grande parte das leituras empreendidas pelos sujeitos no cotidiano de cada um.

No término do vídeo, Wlange aponta, de maneira positiva, para a existência e a continuidade de livros escritos por *youtubers*, pois, segundo ela, tais obras incentivam a leitura entre os jovens, os quais podem ampliar as opções de leitura e enveredar-se pelos caminhos das obras pertencentes à tradição literária. Em síntese, o vídeo de Wlange, considerando as especificidades do lugar na *web* de onde emerge, apresenta uma feição bem diferente da apresentada por Bob Nunes, uma vez que, ao contrário do vídeo do *youtuber*, a proposta de Wlange é adotar uma postura combativa em relação ao preconceito contra a leitura dos livros de *youtubers*, constituindo-se, assim como uma possibilidade de relativizar os consensos, as evidências e as naturalizações que rondam a leitura e seus sentidos, os quais sempre podem tornar-se outros.

Além disso, toda a agressão existente no vídeo de Bob é suavizada pelo saber especializado do vídeo de Wlange, de maneira a emoldurar um contraponto inequívoco. Embora no vídeo de Bob, em algumas passagens, o *youtuber* explicita que sua atitude de queimar o livro de Kéfera não possa ser enquadrada como uma prática de um “discurso de ódio”, globalmente

falando, o vídeo apregoa a intolerância, na medida em que propugna a nulidade dos livros dos *youtubers* e a condenação daqueles que os consomem. Essa frequência com que Bob Nunes apela para não ser interpretado como um representante de um discurso odioso repousa nas inflexões advindas do discurso politicamente correto, pois este propõe o respeito, a aceitação e a necessidade de censurar quaisquer práticas discriminatórias. Já o vídeo de Wlange situa-se nos limites desse posicionamento, porquanto considera válidas todas as formas de leitura, apelando para a urgência em aceitá-las e legitimá-las como obras específicas de determinado nicho da literatura.

Ambos os vídeos, conforme anunciamos no início deste texto, produzem dizeres opostos acerca da leitura, especialmente da leitura dos livros de *youtubers*. Tais dizeres amparam-se na construção de determinadas verdades a respeito da prática da leitura. Desde uma rejeição pré-concebida em relação a certas leituras consideradas impróprias até o ato de considerar pertinentes as inúmeras possibilidades que a prática da leitura permite, podemos compreender que os discursos que circulam no vídeo de Bob Nunes e de Wlange constroem o objeto de discurso sobre a leitura a partir posições antagônicas que, no entanto, discorrem sobre a mesma prática. Sem adotar uma postura que restrinja a discussão aos objetivos dos dois sujeitos no âmbito das possibilidades de visibilidade no/do *YouTube*, vale salientar o funcionamento dos já-ditos, de dizeres instituídos acerca do ato de ler. São esses dizeres que tornam possível as guerrilhas em torno da leitura.

### Referências

ABREU, M. **Diferentes maneiras de ler**, 2001. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em: 30. dez. 2015.

BURGUESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transforma a mídia e a sociedade. Trad. Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CURCINO, L. Discursos hegemônicos sobre a leitura e suas formas de hierarquização de leitores. In: \_\_\_\_\_.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **(In)subordinações contemporâneas**: consensos e resistências nos discursos. São Carlos: EdUFSCar, 2016, p. 231-249.

FISCHER, S. J. **História da leitura**. Trad. Cláudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992, p.129-160.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MARQUES, W. Intersonoridade no discurso audiovisual: por uma memória no âmbito sonoro, **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 10, n.3, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominioidelinguagem/article/view/32639/18756>>. Acesso em: 17. out. 2016.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2015.

POULAIN, M. Cenas da leitura na fotografia, no cartaz, de 1881 a 189. In: FRAISSE, E.; POMPOUGNAC, J.C; \_\_\_\_\_. **Representações e imagens da leitura**. São Paulo: Ática, 1997, p.60-94.

Recebido em 2016-10-24  
Publicado em 2017-06-07